

BOLSAS	BOVESPA	C-BOND	DÓLAR	EURO	OURO	CDB	INFLAÇÃO
Na quinta (em %)	Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos)	Título da dívida externa brasileira, na quinta	Comercial, venda, quinta-feira (em R\$)	Últimas cotações (em R\$)	Turismo, venda (em US\$)	Prefeito, 32 dias (em % ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
-0,07 S&P 500	22.778	0,97 (▲ 0,32%)	2,956 (▲ 0,14%)	2,98 2,96 2,96 2,95 2,95	3,650 (▼ 0,90%)	409,60 Estável	0,47 0,41 0,51 0,71 0,91
Nova York							

POLÍTICA ECONÔMICA

Ata do Copom deixa claro que os diretores do Banco Central estão atentos aos reajustes de preços e prontos para elevar a taxa básica, atualmente em 16% ao ano. Por isso, Bolsa paulista cai e dólar sobe

Alerta sobre aumento de juros



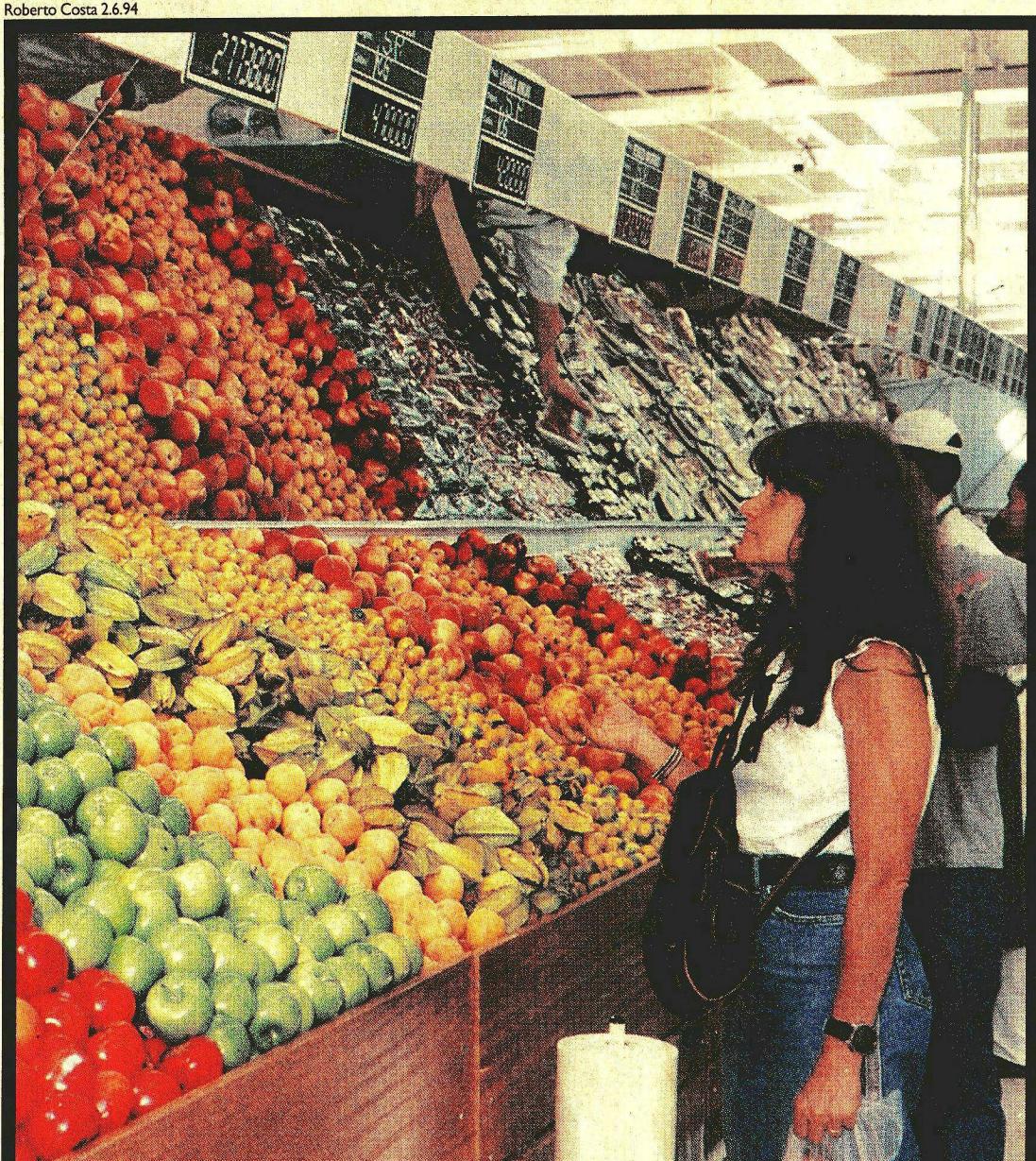
RICARDO ALLAN
DA EQUIPE DO CORREIO

O Banco Central (BC) deu ontem um sinal explícito de que poderá elevar a taxa de juros para conter o aumento da inflação. Pelo segundo mês consecutivo, a ata da reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) deixou claro que o governo está preocupado com a elevação dos preços internacionais do petróleo e com a piora nas expectativas de inflação para o ano que vem. Desta vez, a ata da última reunião do Copom, na qual os diretores do BC decidiram manter a taxa básica de juros (Selic) em 16% ao ano, aumentou o tom do alerta.

Na reunião de julho, os diretores do BC haviam admitido que existia o risco de que os fatores responsáveis pela deterioração das expectativas de inflação "viessem a se exacerbar", o que levaria o Copom a tomar uma atitude "mais ativa" na política monetária. Na linguagem cautelosa do BC, tal atitude tem apenas uma tradução: o aumento da taxa de juros. A ata da reunião da semana passada, divulgada ontem, sinaliza que a situação piorou desde julho e os juros podem aumentar.

O Copom entende que, desde então, dois fatores principais fizeram com que esse risco sofresse alguma elevação. "O primeiro é a alta dos preços do petróleo, na medida em que pode se tornar mais persistente do que se antevia, produzindo, na ausência de um reposicionamento da política monetária, efeitos de segunda ordem incompatíveis com o compromisso inerente ao sistema de metas para a inflação", dizem os diretores na ata.

O preço do petróleo caiu ontem no mercado internacional, mas continua próximo de US\$ 40, tanto em Nova York (US\$ 43,1), quanto em Londres (US\$ 39,9) — patamares suficientes para justificar um reajuste de preços no Brasil. O BC continua trabalhando com uma pre-



OS ALIMENTOS, MAIS CAROS, CONTINUAM PRESSIONANDO A INFLAÇÃO, JUNTAMENTE COM AS TARIFAS PÚBLICAS

visão de aumento de 9,5% no preço da gasolina ao longo deste ano, mas reconhece que o reajuste pode ser maior em função das cotações do petróleo.

Inflação

O segundo aspecto é a piora nas expectativas de inflação para 2005, para a qual a própria escala das cotações do petróleo contribui. "O quadro não está consolidado em relação a um ou a outro fator de exacerbação, e o Copom precisará permanecer atento a novos desenvolvimen-

tos nessas duas frentes", afirmam os diretores do BC. O governo se comprometeu com uma meta inflacionária, medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), de 5,5% neste ano, com um intervalo de tolerância de 2,5%, podendo chegar, portanto, a 8%.

O IPCA acumulado entre janeiro e julho está em 4,42%, mas as cem maiores instituições financeiras do país, ouvidas pelo BC semanalmente, têm aumentado gradativamente suas projeções para este ano. A pesquisa desta

semana aponta para 7,19%, ainda dentro da banda de tolerância estabelecida pelo governo.

A meta para o ano que vem é de 4,5%, mais o intervalo de 2,5%. A média dos analistas de mercado continua apostando em uma inflação de 5,5% em 2005, mas cada vez mais economistas acreditam que o número ficará maior. Para o BC, o ânimo quanto à inflação do ano que vem está mais pessimista.

Fortalecendo essa avaliação, a inflação voltou a subir em São Paulo. A Fundação Instituto de

Pesquisas Econômicas apurou alta de 1,03% no IPC (Índice de Preços ao Consumidor) na terceira prévia de agosto, divulgada ontem. A segunda prévia havia apontado alta de 0,81%. As maiores pressões vieram dos preços de alimentos, tarifas públicas e saúde.

Incompatibilidade

O economista-chefe do Bradesco, Octávio de Barros, chama a atenção para um outro componente inflacionário, a retomada da atividade econômica, também detectado pelo governo. Barros acredita que o diagnóstico do BC é correto. "É como se o BC dissesse que o gato subiu no telhado. Ou seja, que o reaquecimento está muito forte e que, do jeito que está, não dá pra ficar." Segundo ele, os dados que o IBGE vai divulgar devem mostrar um crescimento perto de 6% no segundo trimestre do ano. "Será o terceiro trimestre consecutivo com crescimento num patamar incompatível com a manutenção da inflação em níveis baixos. O Brasil ainda não está preparado para crescer nesse ritmo."

Barros admitiu que ele e outros analistas estavam errados ao criticar o BC quando a autoridade monetária decidiu interromper o movimento de queda dos juros em janeiro, porque já via sinais de aquecimento econômico acima do esperado.

Para ele, o Copom estava certo naquele momento e tem razão novamente. "A ata deu uma mensagem dura, mas acertada de que não vai ficar inerte enquanto as expectativas para a inflação pioram", diz. "Um aumento forte não, mas uma calibragem no nível dos juros pode ser benéfica para o país crescer de forma saudável."

Na ata, os diretores do BC afirmam: mesmo que o cenário "venha a requerer um ajuste na taxa de juros básica", a alta não deve trazer prejuízos para o crescimento sustentado da economia. Os analistas de mercado acreditam que a economia deve crescer 3,97% neste ano, mas o governo ainda não mudou a sua previsão, que é de 3,5%.

BC derruba a Bovespa

A Bovespa (Bolsa de Valores de São Paulo) abandonou o recém-conquistado patamar de 23 mil pontos e fechou em queda de 2,07%, aos 22.582 pontos, abatido pela ameaça do Banco Central (BC) de elevar os juros, talvez em novembro, após as eleições municipais, para conter a inflação. O índice paulista ainda acumula ganho de 1% no mês e de 1,5% no ano.

O pregão foi fraco, movimentando R\$ 807,759 milhões, abaixo da média diária do ano (R\$ 1,1 bilhão). As vendas de ações se aceleraram por causa do tom pessimista da ata do Copom. A ação do Pão de Açúcar, por exemplo, caiu 3,52%, cotada a R\$ 60,68, sofrendo com a avaliação de que o BC elevará os juros para conter a inflação.

Mudança

Nesse cenário, o investimento em ações se torna menos atraente, levando o investidor a migrar recursos para aplicações em renda fixa. Além disso, o setor supermercadista, onde atua o Pão de Açúcar, tende a registrar rentabilidade menor, no ambiente de juros elevados, pois o consumo, o crédito e a produção são prejudicados.

Após quatro quedas, o dólar fechou em alta de 0,13% ontem, vendido por R\$ 2,956, acompanhando o dia negativo em outros segmentos do mercado, prejudicados pela ameaça do Banco Central de aumentar os juros. O risco-país do Brasil avançou 2,5%, somando 535 pontos. Na BM&F, os juros futuros subiram.